

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB

MATEUS DE MORAIS TORRES FERREIRA

**“EXISTIR NÃO VALE A PENA”: UMA ANÁLISE DO LIVRO *NADA* DE
JANNE TELLER**

BRASÍLIA

2021

MATEUS DE MORAIS TORRES FERREIRA

**“EXISTIR NÃO VALE A PENA”: UMA ANÁLISE DO LIVRO *NADA DE*
JANNE TELLER**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à
Universidade de Brasília – UnB para obtenção do título de
Graduação Letras.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Mandagará

BRASÍLIA

2021

RESUMO: O objetivo deste trabalho é construir uma análise, uma interpretação, do livro *Nada* de Janne Teller, focando em um primeiro momento nas questões existenciais que o livro aborda e em segundo plano dando atenção à figura da narradora e dos objetos sacrificados pelas crianças. Como método, usamos a pesquisa bibliográfica e nos valemos dos pensamentos de Sartre (1987), Camus (2018), Benjamin (1996), Hugo (2002) e outros pensadores para mostrar como o livro configura um retrato triste da modernidade.

Palavras-chaves: Nada; Janne Teller; Existencialismo; Absurdismo; Grotesco e sublime.

ABSTRACT: The objective of this work is to construct an analysis, an interpretation of the book *Nada* by Janne Teller, focusing at first on the existential issues that the book addresses and in the background paying attention to the figure of the narrator and the objects sacrificed by the children. As a method, we use bibliographic research and draw on the thoughts of Sartre (1987), Camus (2018), Benjamin (1996), Hugo (2002) and other thinkers to show how the book sets up a sad portrait of modernity.

Keywords: Nothing; Janne Teller; Existentialism; Absurdism; Grotesque and sublime.

O NADA, A Náusea e o Absurdo

Publicado originalmente em 2000, o livro *Nada*, (*Intent*, no original), da escritora dinamarquesa Janne Teller chegou ao Brasil em 2013, depois de gerar muitas polêmicas e controvérsias nos países da Escandinávia. O livro narra a história de Pierre Anthon, um jovem de 14 anos, que, no primeiro dia de aula do sétimo ano, brada no meio da sala: “Nada importa. Disso eu já sei faz muito tempo. Então não vale a pena fazer nada. Acabo de descobrir isso.” (Teller, 2013, p.7). Com isso se retira da sala de aula, sobe em uma ameixeira e começa a jogar ameixa em seus colegas de sala e tentar convencê-los de que viver: “É uma perda de tempo. Porque tudo só começa para acabar. Você começa a morrer no instante em que nasce.” (Teller, 2013, p.9). Atingidos por essas palavras e pelos argumentos pessimistas de Pierre, e depois de tentarem algumas artimanhas fracassadas para retirar o garoto da árvore, os colegas resolvem montar uma

pilha com objetos que possuem significados para eles, com a intenção de mostrar a Pierre que a vida possui significado, que existem coisas pelas quais valem a pena viver. No entanto, o que começa com simples livros de *Dungeons & Dragons* vai se tornando uma coisa macabra, aterrorizante e por que não... *significativa*?

Buscaremos neste trabalho construir uma análise e uma interpretação da obra em um primeiro momento dando atenção às questões existencialistas que ela discute e em seguida analisando a figura emblemática da narradora e dos objetos sacrificados.

De origem germano-austríaca, Janne Teller, nascida em 8 de abril de 1964, lançou seu primeiro romance “Odin’s Island” em 1999, volume 1 do que posteriormente se tornou uma saga. A obra aborda questões relacionadas ao extremismo e fanatismo religioso, questões com as quais a autora teve contato direto a partir dos seus anos trabalhando como assessora da ONU (Organização das Nações Unidas) e EU (União Europeia) nos processos de paz, resolvendo conflitos, e em questões pós-guerra. Seu romance de maior sucesso, e objeto desse estudo *Nada* surge um ano depois, a partir de um pedido de seu editor que queria que ela escrevesse uma história mais simples, dirigida ao público YA (Young Adult), jovem adulto. Geralmente, os livros desse gênero são destinados aos jovens entre 12 a 18 anos e seus enredos são protagonizados por adolescentes de 14 a 17 anos.

Em entrevista concedida a Droide TV (disponível na plataforma vimeo, neste link: <https://vimeo.com/57036925>) a autora diz ter ficado chocada com a recepção que o romance teve. Primeiro, seu editor achou a história *estranha* e não queria publicar; segundo, quando o livro conseguiu ser publicado ninguém queria lê-lo: no ano da publicação foram vendidas apenas 600 cópias, o que, segundo a autora, não é nada considerando o tamanho do mercado de literatura do seu país. A maior surpresa veio depois quando o preço do livro foi baixado e começaram a surgir artigos em jornais dizendo que ele não deveria ser lido por jovens, porque eles poderiam ficar deprimidos e cometer suicídios. Alguns falaram até da violência da obra, ao que a autora responde com uma brincadeira falando que nele há menos violência do que nos thrillers e livros de vampiros que esses mesmos jovens leem. O fato é que com toda essa discussão o livro foi proibido em parte da Dinamarca e no oeste da Noruega, chegando até a ser banido das escolas.

Tal receio por parte dos críticos reside principalmente nas questões existenciais que são abertamente discutidas no livro. O personagem Pierre Anthon, com suas provocações acerca do sentido da vida, busca, com sua “filosofia existencialista”, convencer seus colegas a aceitarem seus argumentos e a começarem a o seguir. Tal concepção possui fortes traços da filosofia de Roquentin, protagonista do romance *A náusea* de Sartre. Porém, ao mesmo instante que se assemelha a Roquentin em sua perspectiva sobre o sentido da vida, os dois se distanciam quanto à postura que tomam frente a essa náusea existencial. Enquanto Roquentin guarda a náusea para si “A náusea, o medo, a existência... mais vale que guarde tudo isso para mim” (p.212), pois conforme diz ao Autodidata ao pensar que o mesmo não se dá conta de sua solitária vida: “não competia a mim lhe abrir os olhos”, Pierre Anthon se configura como um nada que grita, que tenta mostrar aos outros o que ele já percebeu e o que o está atormentando. Ou seja, diferente de Roquentin, Pierre deseja compartilhar sua Náusea com todos.

A visão de Pierre também é mais pessimista e até radical, se baseia na ideia de que vivemos um enredo delimitado. Não importa nossas ações o fim já está escrito, vamos morrer e ser esquecidos então não devemos fazer nada na vida, pois nada valeria a pena ser feito. Em contraste, o existencialismo apontado por Sartre em *A náusea* é fundamentado na ideia de que a vida não possui um enredo, de que nada está definido. A vida não é como um romance policial em que tudo possui uma função. Roquentin queria que a vida fosse como uma música; com começo, meio e fim. Para Pierre ela é exatamente isso, um enredo pronto onde “tudo só começa para acabar. Você começa a morrer no instante em que nasce. E isso vale para tudo” (TELLER, 2013, p.9). Enquanto Roquentin se sente condenado a ser livre, Pierre Anthon sofre por saber que está preso.

Tendo essa manifestação de Pierre em mente, essa sua postura de não se manter apático frente à estrutura e pensamento social do seu meio, podemos associá-lo a uma “mutuca” (mosquinha do gado) tal qual postulou Platão ao usar este termo para descrever as ações de Sócrates. “Mutuca social” então seria uma pessoa que não está de acordo com o status quo de uma sociedade e interfere nela fazendo questionamentos que incomodam e perturbam. Pierre, ao subir na árvore, faz sua escolha, prefere ser um incômodo aos seus colegas, sua comunidade. Uma mosca que fica zunindo ao pé do ouvido deles, tentando acordá-los.

Conforme dito antes, o livro está cheio de questões existenciais, e Pierre apresenta características como as discutidas por Sartre no livro *A náusea*, porém se ele parece se distanciar de tal filosofia, vai, gradativamente, se aproximando de um outro pólo filosófico também ligado ao existencialismo: o niilismo. Tal corrente filosófica, que conta como um dos seus expoentes o alemão Friedrich Nietzsche, apresenta uma visão radical sobre a realidade vivida sob a qual o sentido da existência e do existir é esvaziado. O seguinte trecho extraído da peça *Macbeth* de Shakespeare traz uma boa ideia de que modo o niilismo pode constituir uma visão de mundo:

Apaga-te, apaga-te, chama breve! A vida é apenas uma sombra ambulante, um pobre ator que por uma hora se espavona e se agita no palco, sem que depois seja ouvido; é uma história contada por idiotas, cheia de fúria e barulho, que nada significa. (SHAKESPEARE, 2000, P.113).

A vida é comparada a uma peça de teatro, a um enredo delimitado. Viver se torna a angústia de saber que nada vale a pena. Que o próprio viver é limitado. Pierre se vale de uma metáfora semelhante quando está argumentando sobre sua filosofia e tentando convencer seus colegas, para ele a vida também é um teatro:

Se viverem até 80 anos, terão dormido durante 30 anos, ido à escola e feito deveres de casa durante 4 anos e trabalhado quase 14 anos. Como já passaram mais de 6 anos, sendo crianças e brincando, e ainda passarão no mínimo 12 anos limpando, fazendo comida e cuidando dos filhos, sobrarão apenas 9 anos para viver. [...] E vocês querem desperdiçar esses 9 anos fingindo que se tornaram algo e atuando nesse teatro sem sentido enquanto poderiam começar a aproveitá-lo desde já. (TELLER, 2013, p.19).

O trecho deixa claro seu posicionamento pessimista sobre a vida e ainda expõe uma outra característica do jovem: a sua racionalidade. Durante todo o livro as falas de Pierre apresentam um apelo racional palpável. Ele usa fatos matemáticos, comparações concretas e outros artifícios que enriquecem seu discurso e o concede mais força para convencer seus colegas de que seu ponto de vista é o correto. A) “A Terra tem 4,6 bilhões de anos, mas vocês chegarão no máximo aos 100! Existir não vale a pena”; B) “É tudo um grande teatro, tudo fantasia, fingindo ser o melhor exatamente nisso”; C) “Dentro de poucos anos, vocês estarão mortos e esquecidos, então deveriam começar a se acostumar” (TELLER, 2013, p. 9-10).

Apesar de Pierre ser o motor que motiva a ação do livro, não é ele próprio quem o narra. A história é contada por uma colega de classe sua, Agnes, que já adulta rememora e narra os ocorridos durante esse período escolar. Depois de algumas tentativas fracassadas de tirar Pierre de cima da árvore, a turma decide montar uma

pilha de objetos que possuem significado para eles a fim de mostrar ao amigo que existem coisas importantes pelas quais valem a pena se viver e assim neutralizar os argumentos de Pierre. O princípio que rege essa atitude das crianças parece estar fundamentada no conceito do Absurdo, filosofia que deriva dos movimentos existencialistas e niilistas, desenvolvida por Albert Camus que se baseia na busca de um suposto significado para a vida:

Albert Camus experimenta uma dolorosa sensação da absurdez da vida e da história. Encerrado em si mesmo, não vê, de início, senão dois caminhos para se libertar: o suicídio e a revolta, e tão-somente esta última, que implica o reconhecimento de um certo valor, afigura-se-lhe capaz de dar um sentido à vida. (FOLQUIÉ, 1975)

Seguindo essa explanação de Folquié, as crianças com a pilha de significados estão atrás deste “reconhecimento de um certo valor”, pois seria isto que daria um “sentido à vida”. Porém, à medida que a pilha vai se formando, elas começam a enfrentar um sentimento de desespero que as imerge em uma névoa de atrocidades, pois se deparam com um possível sentimento de vazio que flerta com as ideias do colega que tanto temem em aceitar. Até o momento cada aluno escolhia o que queria abrir mão para ser colocado na pilha, mas diante desse desespero eles percebem que não estavam abrindo mão do realmente importante, por isso mudam a dinâmica, agora um colega aponta o que o outro tem de mais importante e este é obrigado a entregar; isso se torna o princípio de uma espiral perturbadora. E enquanto descem nesta espiral os jovens vão vivendo sentimentos como; inveja, ciúmes, depressão, além de se tornarem mais violentos. Neste momento a autora faz uma subversão de uma visão específica da infância que é essa de acreditar que as crianças são puras e inocentes. Aqui elas ganham um desenvolvimento psicológico de dimensões largas e perigosas como suas atitudes. Essas dimensões são refletidas na coisa macabra que a pilha de objetos vai se tornando. Uma coisa clara que eles parecem ter em mente é que esse “reconhecimento de um certo valor” só será atingido pelo sacrifício, pois a pilha nada mais é do que isso, um amontoado de sacrifícios.

Pierre também se depara com essa escolha Camusiana, entre o suicídio e a revolta, porém ele, assim como Camus, não chega a cogitar a primeira opção. Pierre abraça a revolta, no entanto o que percebemos é que a sua revolta diverge da do filósofo e parece criar uma terceira opção para essa encruzilhada filosófica, pois a revolta Camusiana implica nesse “reconhecimento de um certo valor” e Pierre não acredita que

exista valor em coisa alguma. Seu pensamento é mais dirigido à demolição moral do existir. Dessa forma, não podemos negar que ele passe por uma revolta, no entanto sua revolta não é essa “capaz de dar sentido à vida”, o que parece é que ele já descobriu a resposta para isso, que não há sentido... ou pelo menos ele acha que sabe.

E uma vez que estamos falando de Absurdismo não podemos deixar de mencionar *O mito de Sísifo*, uma das grandes obras de Camus sobre esse conceito. No livro ele compara o Absurdo com a situação de Sísifo, que desafiou os deuses e ao ser capturado foi condenado por toda a eternidade a rolar uma pedra montanha acima, sendo que sempre que está próximo ao topo a rocha rola montanha abaixo fazendo com que ele comece de novo e de novo. Fazendo um paralelo com *Nada*; a montanha é a pilha, e a rocha são os objetos, sendo que sempre que estão perto de finalizar o amontoado de significados ficam se questionando se aquilo realmente significa alguma coisa, e sempre que o questionamento surge se veem obrigados a pedir coisas mais extravagantes, coisas com mais significados. Nelas está esse espírito de Sísifo que vive nessa luta para atingir o topo da montanha, para encontrar o significado acima da pilha, mas nunca conseguem atingir o topo, pois a todo momento sentem que os objetos vão desmoronar, sentem que precisam recomeçar. No entanto, se Camus conclui que devemos imaginar Sísifo feliz, uma vez que aquele é seu mundo, Janne Teller não abre espaço para um pensamento tão positivo. A angústia, o desespero e a melancolia são mais fortes aqui.

É interessante pensarmos neste aspecto da obra, de que a mesma não abre brecha para uma interpretação feliz e esperançosa e lembrarmos do que Sartre diz sobre Kafka. Segundo ele, Kafka falha como autor do absurdo porque suas histórias possuem vislumbres de esperança. Bem, se a ausência de esperança for o critério que usamos para classificar um autor como escritor do absurdo, Teller é de fato uma escritora absurdista.

O NADA, a barbárie e a narradora

Ao final da narrativa chega o momento em que os jovens são descobertos pelos adultos, ou melhor, em que uma das crianças conta tudo sobre a pilha. Esse é um momento chave da obra, pois é quando eles chamam a atenção da mídia, quando finalmente se sentem reconhecidos. E quando um museu resolve comprar a pilha de objetos, os jovens, em êxtase, a vende, pois uma vez que tinha gente querendo comprá-

la significava que ela possuía um significado importante. Isso nos remete ao pensamento de Walter Benjamin quando ele diz “nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie” (Benjamin, 1996), pois a pilha que o museu compra e que tanto atrai os olhos da mídia não passa de um amontoado de selvageria e bestialidade que reflete concretamente o horror psicológico dos jovens. No entanto, quando vão chamar Pierre para ver a pilha ele se recusa a ir.

Essa recusa de Pierre deixa bem demarcada outra distinção ideológica e materialista entre ele e as crianças. Para o restante da turma 7A o valor para os objetos e dessa forma para o sentido da vida está ligado ao plano material. São os outros, uma elite intelectual e discursiva que lhe convencem de que aquela pilha possui um valor estético, de que aquele amontoado de cadáveres, sangue e dejetos possui um valor cultural e, portanto, monetário. Logo, tais valores sociais moldam as ações desses jovens. Mas, para Pierre, mesmo que essas operações externas atribuam um valor, o teste maior da significância não está na realização desse valor (na venda). A atribuição de tal valor até tira o significado das coisas como ele diz para a turma: “Se sua pilha de porcarias tivesse um mínimo de significado, eu seria o primeiro a vê-la... Mas ela não tem, porque, se tivesse não a teriam vendido, teriam?” (TELLER, 2013, P.112) é quando ele diz isso que tudo muda.

As crianças se sentem totalmente golpeadas com essas palavras. É quando elas percebem que Pierre Anthon está certo, é quando, segundo Agnes, elas perdem o juízo. Passam a ficar confusas e mais perigosas, suas mentes imaturas não aguentam saber da verdade e isso as leva ao cume da maldade que é a cena impactante ao final do livro em que Pierre é espancado até a morte ou até quase a morte, a narradora não deixa claro o estado que ele fica, mas sua morte é certa uma vez que em seguida a serralheria e incendiada com ele dentro. É nesse momento que a subversão da visão específica infantil, proposta por Teller, atinge o seu ápice. E quando o relato do livro ganha os contornos de uma confissão de assassinato.

Como foi dito, a narradora não deixa claro o estado que Pierre ficou após o espancamento e isso mostra o lado tendencioso de sua narração que ao ser melhor analisado vemos que esteve presente durante todo o livro. Agnes narra a história oito anos depois do acontecido, o livro é ela visitando suas memórias e construindo sua narrativa a partir da seleção dos fatos que quer apresentar ao leitor. É uma espécie híbrida de narradora que condensa o “camponês sedentário” e o “marinheiro

comerciante” (Benjamin, 1996, p. 198). O camponês porque se encontra estática, não viaja concretamente, sua viagem que a aproxima do marinheiro, é uma viagem pelo oceano da memória.

Segundo Benjamin “o narrador retira da experiência o que conta” e sendo a experiência uma coisa subjetiva e individualizada logo devemos desconfiar dos fatos narrados. E uma vez que só temos acesso aos pensamentos de Agnes e tudo que sabemos dos outros personagens é o que ela escolhe narrar, aceitamos o que ela diz com ressalvas.

Norman Friedman em “O ponto de vista na ficção” diz que “o ponto de vista” é uma das distinções críticas mais úteis no estudo da ficção (p.167) e ao longo do texto apresenta e discorre sobre algumas categorias desses pontos de vista e assim de tons de narração. Nos basearemos nessas classificações que ele expõe para entendermos melhor esta narradora de *Nada*. Agnes seria então uma narradora testemunha. Ela não possui “acesso senão ordinário aos estados mentais dos outros” (p.176), vê a história de um ponto periférico nômade (p.176) Teller renuncia a sua onisciência como autora ao optar por contar a história sob esse ponto de vista. Porém, esse tipo de narrador confere mais veracidade à história:

Se a “verdade” artística é uma questão de compelir a expressão, de criar a ilusão da realidade, então um autor que fale em sua própria pessoa sobre as vidas e fortunas de outros estará colocando um obstáculo a mais entre sua ilusão e o leitor, em virtude de sua própria presença. (FRIEDMAN, 2002, p. 169).

Então, ao escolher contar a história pelo ponto de vista de Agnes, e se manter consistente nesse intento, Teller dá mais veracidade à “verdade ficcional” do livro. Retira esse obstáculo a mais que existiria entre a ilusão e o leitor. No entanto, não é por mera afirmação que o relato de Agnes se torna verdadeiro.

Agnes oculta informações do leitor, como por exemplo, ela não diz de quem de fato foi a ideia de começarem a montar a pilha de significados. Tudo que diz a respeito disso é que Sofie em um dado momento deu um passo a frente e disse “Temos que provar a Pierre Anthon que algo importa.” (Teller, 2013, p.22). E pronto, dito isso todos souberam o que deveria ser feito. Ela não atribui o mérito da ideia a ninguém em específico. Além disso, mais ao final do livro quando as crianças estão brigando na serralheria, Agnes vai pedir ajuda de alguém para separar a briga e dentre todas as pessoas da cidade ela escolhe Pierre e isso acaba causando o

assassinato dele. Ela não apenas o chama como posteriormente também participa do espancamento. Mas a provocação final que faz com que essa ideia de que o assassinato foi proposital se baseia e se sustenta nas últimas duas linhas do livro.

Assim que a pilha é vendida em uma troca de provocações Rikke-Ursula, uma das alunas, diz para Pierre “Quem rir por último rir melhor!” (Teller, 2013, p.104), Pierre responde afirmando a sentença da colega e dando uma gargalhada, mas Agnes termina o livro dizendo o seguinte: “E sei que com o significado não se brinca. Certo, Pierre Anthon? Certo?” (Teller, 2013, p.127). Uma espécie de provocação final, como se ela dissesse “Tá vendo, Pierre, você não deveria brincar com o significado. Agora eu estou rindo por último”.

O NADA e o Sacrifício Grotesco e Sublime

Como dito antes, a pilha de significados que vai se configurando em uma montagem degradante de objetos, se constrói a partir de sacrifícios que as crianças fazem buscando alcançar esse suposto significado da vida. Mas usando os termos discutidos por Victor Hugo em seu prefácio “Do Grotesco ao Sublime” essa pilha que começa a partir de um ideário afável e sublime, torna-se aos poucos uma construção insana e moralmente grotesca.

Segundo Victor Hugo:

O cristianismo conduz a poesia à verdade. Como ele, a musa moderna verá as coisas com um olhar mais elevado e mais amplo. Sentirá que tudo na criação não é humanamente belo, que o feio existe ao lado do belo, o disforme perto do gracioso, o grotesco no reverso do sublime, o mal com o bem, a sombra com a luz. (HUGO, 2002, p. 26).

Esse pensamento do romancista está presente durante a narrativa e nos dá uma perspectiva diferente para a tal pilha, uma vez que a mesma condensa estas antíteses não só no plano das ideias, como também no material. Além disso, para que entendamos melhor o quanto esta passagem está diretamente associada à narrativa do romance, faremos uso de uma das falas de Pierre Anthon:

O que fede é a decomposição, mas, quando algo está se decompondo está também se transformando em algo novo. E esse novo cheira bem. Por isso, não há diferença se algo cheira bem ou mal; é tudo parte do eterno círculo da vida. (TELLER, 2013, p. 82).

Na fala supracitada temos uma síntese da relação imbricada e particular que o grotesco partilha com o sublime. Os dois são necessários para se construir a poesia, diz Hugo; assim como os dois também são importantes para a composição do “círculo da vida”, acrescenta Anthon.

Ademais, Hugo discute muito a questão do cristianismo e como ele mudou algumas das percepções artísticas e sociais, chegando inclusive a dizer que o mesmo “fez a melancolia” sentimento que perpassa toda a obra de Teller. E ao analisarmos a seguinte passagem do livro temos uma ilustração clara desse cristianismo condensando o sublime e o grotesco:

Desde que Jesus foi arrastado à pilha de significados, cinco dias atrás, Cinderela usava a cruz de madeira como privada particular, para ambas as necessidades. Jesus pregado na cruz havia perdido boa parte de sua divindade quando suas duas pernas foram quebradas e tudo o mais, porém, agora, com a contínua atividade de Cinderela, não restava muita esperança de recuperá-lo. (TELLER, 2013, p. 75).

A imagem sagrada de “Jesus pregado na cruz”, símbolo da religião católica, é sacrificada por Piedoso Kaj, um jovem devoto. E logo que é colocada na pilha o objeto sublime, vai sofrendo um processo de rebaixamento ao servir de privada para a cachorra, e em questão de dias não é nada mais que um símbolo grotesco cheio de dejetos pútridos. “O grotesco no reverso do sublime” (HUGO, 2002, p. 26).

Considerações finais

Diante do exposto, *Nada* de Janne Teller se configura como um livro relevante e importante que trata de questões e problemáticas sociais latentes da contemporaneidade. Se valendo de questões filosóficas e existenciais a autora consegue em um grupo de crianças condensar valores da nossa sociedade criticando-os e provocando discussões necessárias sobre os mesmos.

Além disso, o que concluimos com a leitura da obra é que o pessimismo, a ausência de qualquer esperança durante a leitura, torna Janne Teller, sob a perspectiva de Kafka, uma autora absurdista. E como desenvolvido no texto, tais características absurdistas, principalmente discutidas como corrente filosófica, aparecem durante o enredo da obra sob a ideologia das crianças. Se contrapondo à visão existencialista e niilista de Pierre Anthon.

Os críticos disseram que o presente livro não deveria ser lido pelos jovens, pois os mesmos poderiam ficar deprimidos e cometerem suicídio. Nós dizemos que sim, o livro possui uma forte carga dramática e aborda temas sensíveis, mas estes temas fazem parte do cotidiano dos jovens, uma vez que por mais polêmicos que sejam, Janne Teller nada mais faz que representar em sua obra um quadro triste da modernidade. Dessa forma, a leitura dele se torna quase que necessária, pois fomenta o debate acerca destas questões e qualquer debate deste tipo é um passo à frente para a evolução e aprendizagem de uma sociedade quebrada como a contemporânea.

Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: **Mágia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: **Mágia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2018.

FOULQUIÉ, Paul. **O Existencialismo**. Algés: DIFEL, 1975.

FRIEDMAN, Norman. **O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico**. Revista USP, São Paulo, n. 53, março/maio. 2002, p.166-182.

HUGO, Victor. **Do grotesco ao sublime**. 2ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2002.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. 3ª Edição. São Paulo: Abril Cultural, 1987.

_____ **A Náusea**. 12ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2005.

SHAKESPEARE, William. **Macbeth**. 1ª Ed. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2000.

TELLER, Janne. **Nada**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2013.

_____ **Odin's Island**. U.S.A.: Atlantic Books; Main – Print on Demand edition, 2006.